



**Carlos Blanco de Moraes**

**OPINIÃO**

**A “internacionalização da Amazônia”: uma estratégia neocolonial?**

**Escolher apenas o Brasil como alvo, porque alguém elegeu Bolsonaro como inimigo público, envolve o uso de dois pesos e duas medidas e torna verosímil uma teoria da conspiração.**

12 de Setembro de 2019, 4:07

**Com o crepitar da floresta tropical**, o simplismo das televisões reduziu a crise da Amazônia a um Macron filantropo **e salvador do “pulmão do mundo”** e a um Bolsonaro diabólico que comete “ecocídio”. O tema merece algumas respostas sintéticas a cinco questões pertinentes.

**1. A Amazônia é o pulmão da humanidade?** Quando Macron postou que “*A floresta Amazônica, os pulmões que produzem 20% do oxigénio do Planeta, está em chamas*”, a mensagem tornou-se dogma de fé quando foi multiplicada pelo “*jet set*” internacional nas redes, com fotos de florestas em labaredas. Chamas à parte, os dados da mensagem são falsos. Em primeiro lugar, o “pulmão do mundo” são os oceanos (**Nadvinder Malhi**) e não a floresta tropical. Em segundo, a Amazônia não produz 20% do oxigénio mundial, mas entre 9% (Malhi) e 6% (Foley). Em terceiro, como atesta Dan Nepstad, a Amazônia absorve a maioria do oxigénio que produz através da fotossíntese. Finalmente, as imagens dos fogos divulgadas pelas celebridades **foram manipuladas**, como atestou o *New York Times*: a foto de Macron e Di Caprio tinha 20 anos; a de Madonna 30; e a de Cristiano Ronaldo era de 2013. Nas redes e nas televisões, frases bombásticas e fotos dramáticas, mesmo forjadas, valem por mil palavras.

**2. Os fogos este ano ultrapassaram a média dos anos anteriores?** O arquétipo do Presidente do Brasil, apelidado de “BolsoNero”, incitando os madeireiros a queimar a Amazônia, assomou as redes e narcotizou turbas que nas ruas gritaram: “Queimem fascistas não florestas”! “*Hate speech*” à parte, é um facto que o ano 2019, até agosto, foi, desde 2013, **um dos piores em área ardida**, coincidindo com um maior abate de

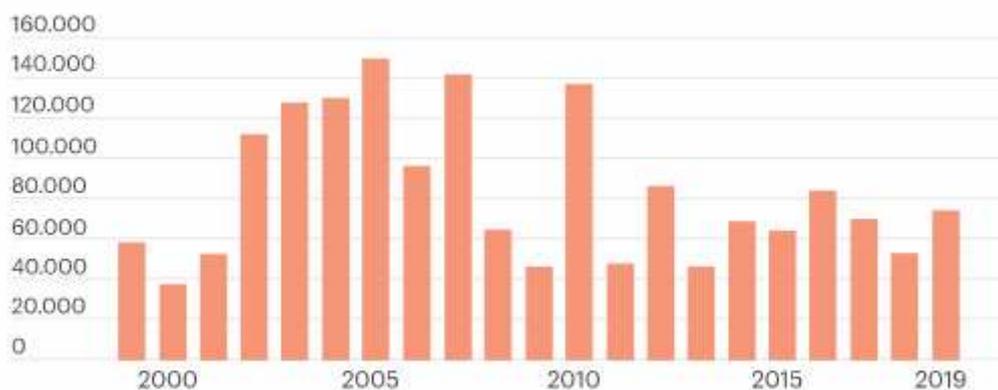
árvores, se bem que um relatório da Comissão Europeia indique que a área queimada no Brasil estará na média dos últimos 18 anos.

Pese a gravidade da situação que se arrasta com queimadas sazonais descontroladas e ilegais, ano após ano, os dados do IMPE (vide o quadro 1, ainda incompleto), revelam que as maiores áreas ardidas ocorreram em 2005 e 2010, quando o Presidente era Lula. Não consta que apelos a “autos de fé” tenham sido então feitos contra o PT e o seu líder.

## Fogos florestais no Brasil

Focos de incêndio florestal detectados por satélite

1999 a 2019, Janeiro a Agosto



Fonte: INPE

PÚBLICO

**3. Os fogos da Amazônia atingiram uma escala muito superior à de outros Estados?** A atentar nas televisões seria o incêndio do século! Embora se fale em 1 milhão e 800 mil hectares ardidos (uma destruição grave da biodiversidade), na Bolívia arderam até ao final de agosto mais de 1 milhão de hectares e ninguém exigiu a cabeça do chavista Evo Morales. Na Rússia, em 2019, arderam na Sibéria dois milhões de hectares de tundra (área da Bélgica) e Macron não incomodou Putin. Na Califórnia, em 2018, arderam 766 mil hectares e em Portugal, em 2017, 500 mil hectares! Portugal, conhecedor das dificuldades dos incêndios estivais, solidarizou-se, e bem, com Brasília, ao invés de endossar o discurso das sanções. É que escolher apenas o Brasil como alvo, porque alguém elegeu Bolsonaro como inimigo público, envolve o uso de dois pesos e duas medidas e torna verosímil uma teoria da conspiração.

**4. Qual o sentido de internacionalizar a Amazônia?** A insistência de Macron em internacionalizar a Amazônia na ONU constitui uma tentativa da França e de um conjunto de interesses económicos para, sob pretexto de uma emergência ambiental, diminuírem a soberania brasileira sobre um território riquíssimo em recursos. Aproveitando a fragilidade económica legada pelos governos do PT, a estratégia neocolonial de Macron é a de limitar o Brasil ao desenvolvimento de apenas 20% do seu território, na base de uma tutela externa sobre a exploração agrícola, mineira, e áreas indígenas. Ora, de entre os



protagonistas dessa tutela encontra-se uma França que, por coincidência: i) quer um pretexto para evitar a cólera dos seus agricultores e não assinar **o acordo UE/Mercosul**; ii) faz fronteira com a Amazônia brasileira na Guiana Francesa; iii) dispõe, desde os anos 80, de mapas sobre reservas minerais e povos indígenas; iv) criou canais diretos entre a sua diplomacia e o estado brasileiro do Amapá; v) e envia o seu ministro dos Estrangeiros ao Brasil, para contactar ONG's e governadores. No contexto desta "filantropia ambiental", é provável que, durante a próxima Assembleia Geral da ONU e do estranhíssimo **Sínodo da Amazônia convocado pelo Papa Bergoglio**, possam ser orquestrados apelos a um boicote a mercadorias. Coincidência ou não, o *Expresso* publicou um artigo lastimável onde se incitava subliminarmente ao boicote, dando nota que, em Portugal, um punhado de açougueiros tontos boicotariam carne brasileira. Quando a tensão está à flor da pele, quem assim age não estimulará retaliações contra produtos portugueses no Brasil? O facto é que Brasília pode vir a enfrentar campanhas poderosas de boicote que, mais do que com discursos inflamados, devem ser combatidas com a solidariedade dos países amigos, com uma diplomacia incisiva e com uma política de comunicação que divulgue dados fiáveis sobre a estratégia de combate a fogos e ações de preservação ambiental.

**5. Existe o risco de uma intervenção militar internacional na Amazônia?** A questão parece ficcional mas foi tema do artigo de um professor de Harvard na *Foreign Affairs*, sob o título "Quem vai invadir o Brasil para salvar a Amazônia?" Ficou dado o mote sobre a hipótese de invocação dos artigos 1.º, 39.º e 42.º da Carta da ONU, para autorizar o uso da força contra um Estado, em caso de rotura "da paz internacional", equiparando-se essa rotura à "inércia" do Brasil em lidar com um "ecocídio" na Amazônia. Não existe, hoje, esse risco, embora os militares brasileiros há muito o levem a sério. Semelhante ação militar seria vetada pelos EUA, Reino Unido e a China no Conselho de Segurança. Mais inverosímil, ainda, seria uma aventura militar da França fundada na noção de "responsabilidade para proteger" por razões humanitárias que, contrariamente ao que diz o professor de Harvard, jamais constituiu um princípio de Direito Internacional geral que justifique o uso da força por um Estado contra outro. Uma intervenção militar destinada a ocupar a Amazônia estaria votada ao insucesso. O Brasil possui um dos melhores exércitos especializados em combate na selva, num terreno que conhece. Ora, a luta na selva nunca foi o forte da França, que se arriscaria a um novo Dien Bien Phu no temível "inferno verde", onde um dia desapareceu, sem deixar rasto, o experiente explorador Percy Fawcett.

*O autor escreve segundo o novo Acordo Ortográfico*

Professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa